

Tradução

KAFKA E O TRABALHO DA DOMINAÇÃO¹Bernard Lahire²

Tradução de Guilherme Seto Monteiro* e Lucas Amaral de Oliveira*

Seria razoável pedir a um escritor, particularmente a um romancista e novelista como Franz Kafka, do qual conhecemos a inventividade formal e a ruptura com os códigos da narração realista, para que voltasse suas luzes aos fenômenos da dominação³? Não foi repetido à exaustão, por várias gerações de críticos formalistas, que, em literatura, somente a forma (estilo, gênero, registro discursivo, etc.) conta e que aquilo de que nos falamos os criadores, no fundo, pouco importa?

Utilizador de formas de todos os gêneros (da fábula à crônica, passando por conto, lenda, parábola e mito), os quais ele distorce e torce em seu próprio regime, grande fabricante de narrativas imagéticas e inventor de uma espécie de *narração teorizante*⁴, em ruptura com as expectativas realistas, o escritor de Praga, de língua alemã, tinha, todavia, também muitas “coisas a dizer”. Ele concebia a literatura mais como uma forma de conhecimento de si e do mundo do que como um exercício formal, composicional ou estilístico; e não definia sua tarefa de escrita independentemente do que esperava poder provocar no leitor (choque, dor, liberação ou despertar).

1 Este ensaio foi publicado, originalmente, em francês. Ver: LAHIRE, Bernard. Kafka et le travail de la domination. *Actuel Marx*, 1º semestre, n. 49, p. 46-59, 2011. Versão on-line disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-actuel-marx-2011-1-page-46.htm>>. Acesso em: 05 fev. 2012.

2 Bernard Lahire, sociólogo, nasceu em Lyon, na França, em 1963. Atualmente, é professor de sociologia na École Normale Supérieure Lettres et Sciences Humaines, em Lyon, e diretor da equipe Dispositions, pouvoirs, cultures, socialisations, do Centre Max Weber (CNRS). Realizou sua formação na Université Lumière Lyon 2, onde apresentou seu doutorado, em 1993, sob orientação do professor Yves Grafmeyer. De 13 de novembro a 17 de dezembro de 2011, o professor Lahire ocupou a “Cátedra Lévi-Strauss”, em uma iniciativa institucional conjunta da Universidade de São Paulo e do Consulado Geral da França em São Paulo. Na ocasião, foi acolhido pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, onde ministrou a disciplina “Problemas e métodos da Sociologia das disposições”.

* Mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo (USP).

3 Este artigo se apoia nos resultados de uma longa pesquisa sociológica dedicada à obra de Kafka. Permito-me referir à obra a que essa pesquisa deu lugar (KAFKA, Franz. *Éléments pour une théorie de la création littéraire*. Paris: La Découverte – Laboratoire des Sciences Sociales, 2010); e, mais particularmente, à sua quarta parte, intitulada «Domination et point de vue des dominés», p. 429-575, também de 2010.

4 Ver: LAHIRE, Bernard. La fabrique littéraire de Kafka. In: KAFKA, Franz. *Éléments pour une théorie de la création littéraire*. Paris: La Découverte – Laboratoire des Sciences Sociales, 2010. p. 305-316.

Ora, durante toda a sua vida de escritor, Kafka não cessou de tentar elucidar os mecanismos da dominação, a qual ele pessoalmente havia sofrido (na relação, a um só tempo, de admiração e conflito com seu pai) e que ele havia podido observar em diversos espaços profissionais: de saída, na loja de roupas da família, onde o pai, judeu assimilado, autodidata e em busca feroz por ascensão social, comandava com mão de ferro seus empregados tchecos; depois, no quadro de sua própria atividade profissional (o mundo burocrático de uma companhia de seguros contra acidentes de trabalho) e das empresas às quais ele era designado para fazer visita, a fim de avaliar os riscos profissionais a que os operários estavam sujeitos em contato com as máquinas; e, por fim, na usina de amianto da família, da qual seu pai o encarregava regularmente. Ao evocar, em seu Diário, em suas correspondências e na carta endereçada a seu pai⁵ ou ao colocar em cena, em seus textos literários, cenas opressivas, alienantes e frequentemente humilhantes, nas quais os humilhados participavam, sem querer ou mesmo saber de sua própria dominação, Kafka buscava seu grande empreendimento de conhecer-se e conhecer as relações inter-humanas.

O “PARTIDO DO PESSOAL”⁶ E A SENSIBILIDADE À CONDIÇÃO OPERÁRIA

Em sua *Carta ao pai*⁷, Kafka diz ter tomado o “partido do pessoal”, ao ver como seu pai maltratava seus empregados tchecos. A lógica analógica das associações e das identificações vai, desse modo, alcançar um papel central na representação que ele poderia fazer do mundo social e de suas oposições.

Como não se identificar com o pessoal enquanto se ocupa uma posição análoga à sua nas relações de dominação? O filho (escritor) é para o pai (burguês) aquilo que o empregado é para o patrão; e não é difícil deduzir que a convivência simbólica e a simpatia sentidas por Kafka pelo pessoal, ou mesmo sua defesa real, na ordem das maneiras ordinárias de se comportar diante deles (extremamente polidas, humildes e respeitadas), ou suas tomadas de posição mais políticas, são

5 Seu diário, suas correspondências e a famosa carta a seu pai estão reunidas em: KAFKA, Franz. *Oeuvres complètes* III e IV. Paris: Gallimard, 1984 e 1989a.

6 NT: Modesto Carone, na edição brasileira (KAFKA, 1997, p. 35), traduz “*personnel*” como “empregados”. Aqui, decidimos utilizar o vocábulo “pessoal”, sobretudo para manter a ideia original de Lahire, que explora a riqueza semântica de *personnel*: a um só tempo, capaz de designar o si-próprio e os empregados.

7 Escrita em novembro de 1919, essa carta, endereçada formalmente a seu pai, não estava destinada a ser publicada. Consultar *Lettre à son père*, em Kafka (*Oeuvres complètes*, IV, op. cit., p. 833-881). As citações foram extraídas desta edição.

igualmente maneiras de se defender ou de se lançar simbolicamente ao apoio de seu próprio caso.

Assim, Kafka vai projetar permanentemente sobre os dominados (socialmente, politicamente, nacionalmente e culturalmente) sua própria situação familiar de dominado e sentir uma solidariedade espontânea em relação a eles. Tomar o partido dos dominados, dos humilhados ou dos oprimidos era defender seu próprio partido contra o pai.

Kafka vê, então, nos empregados maltratados, ultrajados e desprezados algo como irmãos de condição:

Por isso eu pertencia necessariamente ao partido dos empregados, mesmo porque, já por temor, não entendia como era possível insultar um estranho daquele jeito; daí que, por temor, eu quisesse de alguma maneira conciliar os empregados – a meu ver terrivelmente revoltados – com você e nossa família, em nome da minha própria segurança⁸.

Ainda escreve Kafka, referindo-se ao pai: a loja “me lembrava muito minha própria situação em relação a você”. Ele começa muito cedo a se sentir simbolicamente solidário aos empregados de seu pai (seus “inimigos pagos”, como Hermann Kafka os chamava), que os maltratava:

Não sei, talvez fosse assim na maioria das lojas (na *Assicurazioni generali*⁹, no meu tempo, por exemplo, o tratamento era de fato parecido, lá eu apresentei ao diretor minha demissão, alegando, de um modo não totalmente sincero, mas também não de todo falso, que não podia suportar os insultos, que aliás nunca me atingiram diretamente; nesse ponto eu era dolorosamente sensível por conta de minha experiência familiar), mas na infância não me importavam as outras lojas. Era na loja, porém, que eu o via e escutava xingar e se enfurecer de um modo que, na minha opinião da época, não acontecia em nenhuma outra parte do mundo¹⁰.

Tanto na loja como em família, o pai dava mostras de “tirania” e desprezo, ultrajava (“Você dizia ao falar de um caixeiro tuberculoso: ‘Que ele morra, então, esse cão doente!’”) e se mostrava “injusto”. É ao observar a injustiça cometida em

8 NT: Ver: KAFKA, Franz. *Carta ao pai*. op. cit., p. 35.

9 Primeira companhia de seguros em que Kafka trabalhou, entre outubro de 1907 e julho de 1908.

10 NT: KAFKA, Franz. *Carta ao pai*. op. cit., p. 33-34.

relação aos empregados que Kafka toma consciência daquela de que ele mesmo era vítima.

Kafka se solidariza com os estigmatizados, os fracos e os mais sofredores. Ele sente uma simpatia pelos tchecos (dominados pelos alemães), pelos judeus do leste não assimilados (desprezados pelos judeus ocidentais), pelos de língua ídiche (vista como uma língua pobre e não civilizada pela maioria dos judeus germanófonos) e por todos aqueles que pareciam, a seus olhos, vítimas de injustiças ou de opressores.

De modo geral, escreve Marthe:

Hermann Kafka abominava o excesso de humildade que impelia seu filho a buscar o comércio das classes inferiores – os criados, os judeus do leste, etc. –, ele via ali a marca de uma pusilanimidade desprezível e, mais ainda, sem dúvida, a condenação de suas próprias ambições¹¹.

Leitor do anarquista comunista Piotr Kropotkine e do socialista anarquizante Alexandre Herzen, frequentando círculos anarquistas ou socialistas¹², sempre com a mesma moderação e discrição, ele apresenta um interesse constante por todos aqueles que lutavam em favor das vítimas de exploração econômica ou de opressão estatal. Mas isso não é tudo.

Kafka trabalhou no setor de seguros contra acidentes de trabalho. A companhia para a qual ele trabalhou, a partir de 1908, havia sido criada logo após a aprovação das leis sobre a proteção social, entre 1885 e 1887, que teve como objetivo definir as responsabilidades do Estado em relação aos trabalhadores. Kafka entrou, portanto, em uma companhia que claramente caminhou em direção a um progresso social e à proteção dos operários.

No contexto de seu trabalho, ele recebia os acidentados e examinava seus dossiês, o que implicava conhecer as condições de trabalho dos operários em seus aspectos mais concretos e técnicos, já que cada acidente era a ocasião de descrever e compreender o funcionamento das máquinas, o manuseio das ferramentas e as situações de trabalho, para determinar se houve um erro humano ou se a empresa era responsável.

Além disso, Kafka fazia visitas em usinas para observar as condições de trabalho e as medidas de segurança, a fim de decidir o nível de cotização das empresas que decidiam ser seguradas. Em seguida, ele redigia relatórios que

11 ROBERT, Marthe. *Seul comme Franz Kafka*. Paris: Calmann-Levy, 1979. p. 104.

12 LÖWY, Michael. *Franz Kafka: sonhador insubmisso*. São Paulo: Azougue, 2005.

continham observações escritas e desenhos de certas máquinas particularmente perigosas, e, então, por vezes, recomendava a compra de máquinas que comportassem menos riscos aos trabalhadores. Mais tarde, ele se voltou a “redigir os recursos contra os empreendedores em falência, depois a representar o ofício diante dos tribunais (queixas por recusa de pagamentos, reclamação de danos causados por acidentes, etc.) e a codificar os casos de acidentes”¹³. Ao trabalhar para esse tipo de companhia, Kafka se colocou objetivamente ao lado do “pessoal”.

MÁQUINAS INFERNAIS

Em *Amérika*¹⁴, Kafka descreve um mundo onde os empregados subalternos do Hotel Occidental são reduzidos a não mais do que simples engrenagens de uma grande maquinaria, onde telefones, elevadores, receptores, guichês, escritórios, etc. são onipresentes. Se a técnica pode ter um caráter mágico e fascinante (por exemplo, o escritório de cem armários de tamanhos diferentes, com regulador incorporado que permite “girar uma manivela, realizar, segundo seu gosto e suas necessidades, as mudanças mais diversas nas proporções e na ordem dos compartimentos”, e diante do qual Karl se vê tão fascinado quanto na época em que era criança e via os presépios mecânicos “na feira do Pequeno Jesus”), ela frequentemente esmaga os indivíduos, pois está no coração da ordem profissional.

Do mesmo modo, enquanto visita a empresa de seu tio, Karl ouve campanhas “na sala do telefone” que “atordoam” continuamente, vê um empregado cuja cabeça está como que aprisionada pelos receptores (“a cabeça presa em um círculo de aço que lhe colava os receptores nas orelhas”) e é quase reduzido ao estado de máquina (“ele repousava o braço direito sobre uma pequena mesa, como se esse membro fosse particularmente pesado, e somente seus dedos que tinham o lápis vibravam, mas vibravam com uma velocidade que tinha algo de inumano”).

O empregado em questão não se permite dar sua opinião, mesmo quando ele não parece estar de acordo (“Via-se freqüentemente que ele teria alguma objeção a apresentar, alguma explicação a pedir, mas certas palavras que ele ouvia o obrigavam, antes que pudesse entender sua intenção, a baixar os olhos e a escrever”), e é impelido ao silêncio “porque as mesmas comunicações que ele recebia ao telefone eram registradas por dois outros empregados para ser em seguida comparadas, o que impedia todo erro”.

13 WAGENBACH, Klaus. *La prague de Kafka*. Paris: Éditions Michalon, 1996. p. 83.

14 KAFKA, FRANZ. *O desaparecido ou Amerika*. São Paulo: Editora 34, 2003.

No centro dessa sala, todos se ocupam, mas ninguém conversa:

Por toda a sala reinava uma circulação contínua. As pessoas iam e vinham rapidamente. Ninguém se saudava, esta formalidade havia sido completamente suprimida, cada um se contentava em seguir os passos daquele que o precedia e em olhar o chão sobre o qual se queria avançar o mais rapidamente possível.

Kafka coloca em cena, no seio de uma administração tecnicizada, empregados de repartição reduzidos a suas funções, dependentes de máquinas e controlados por outros, por intermédio de outras máquinas.

Com frequência, ele volta um olhar quase sociológico aos dispositivos técnicos, no sentido de que ele os considera como elementos que participam ativamente da organização das relações sociais. A máquina de tortura d'A *colônia penal* é a objetivação de uma forma de exercício do poder, do mesmo modo que, em *América*, os escritórios sofisticados impõem suas lógicas de hiper-racionalização burocrática, ou os receptores aprisionam a cabeça dos empregados como um meio de constrangê-los a trabalhar e reduzi-los a suas funções na divisão social do trabalho.

Nos dias 9 e 10 de janeiro de 1913, ele escreve para Felice Bauer, que trabalha em uma empresa fabricante de gravadores de som e máquinas de gravação:

Uma máquina com sua exigência silenciosa e grave parece-me exercer sobre o trabalhador um constrangimento mais forte e mais cruel que o de um ser humano. Um empregado que digita à máquina tem pouca importância, é fácil comandá-lo, demiti-lo, gritar com ele, cobri-lo de injúrias, questioná-lo, encará-lo, é ele que determina quem é o mestre, enquanto em face do gravador de som o empregado é aviltado, reduzido ao estado do operário de usina que coloca seu cérebro a serviço do ronco de uma máquina.

Kafka ainda se surpreende, junto a seu amigo Max Brod, com a docilidade desses operários e empregados mutilados, feridos, que poderiam legitimamente se voltar, com violência, contra seus empregadores ou contra a companhia de seguros, mas que, em vez disso, insistem polidamente em pedir ajuda: “Como essas pessoas são modestas, elas vêm nos apresentar requerimentos. No lugar de tomar o local de assalto e de destruir tudo, elas apresentam requerimentos!”

Abusos de autoridade, negações de justiça, humilhações, explorações, docilidade das vítimas de acidentes de trabalho, Kafka mergulha permanentemente no universo dos sofrimentos populares.

Que trabalho indesejável, com efeito! Em meus quatro distritos – sem falar de minhas outras tarefas –, as pessoas caem como embriagadas dos andaimes e são tragadas por máquinas, todas as vigas caem, todos os alicerces se movimentam, todas as escadas fazem escorregar, o que se constrói degringola, o que se deruba cai em cima de nós mesmos. E dá dor de cabeça ver as jovens das fábricas de porcelana, que caem o tempo todo com montanhas de louças (*Carta a Max Brod*, verão de 1909).

Alguns anos mais tarde, ele anota em seu *Diário* sobre o aspecto desumanizado dos jovens operários da usina da família, a princípio tratados mais como bestas do que como pessoas às quais se deve um mínimo de consideração (“Esses jovens não são seres humanos; nós não os cumprimentamos, não pedimos desculpas quando trombamos com eles”, *Diário*, 5 de fevereiro de 1912).

Kafka tem, portanto, uma ideia precisa da condição dos operários e, com efeito, não permanece insensível a tudo aquilo que observa.

A DOMINAÇÃO VISTA DESDE A POSIÇÃO DO DOMINADO

Com base em suas experiências familiares e profissionais, Kafka põe no cerne de sua obra as relações de poder e dominação. Entretanto, ao fazer isso, ele não ambiciona descrever as formas particulares de exercício do poder ou os modos determinados de dominação; ao contrário, busca identificar determinadas invariantes das relações de dominação que permeiam as instituições e as cenas sociais e que se referem à contribuição que o dominado dá à sua própria dominação, quando esta não se funda em uma pura relação de força física, mas comporta uma parte simbólica.

Para tanto, Kafka é forçado a se perguntar sobre os dispositivos socialmente constituídos nas crenças, nos sentidos e nas ações que impedem os dominados de romper com o círculo vicioso nos quais são mantidos. Ele aprende a lançar um olhar distanciado do mundo e se surpreende, em uma surpresa totalmente sociológica, com o fato de que o acaso das circunstâncias e condições possa levar os homens a ocupar posições muito diferentes uns em relação aos outros e, especialmente, a cumprir os papéis de dominante ou de dominado:

Um círculo de homens formado por senhores e servos. Faces trabalhadas, brilhando a cores vivas. O senhor se senta, e o servo lhe traz comida em um prato. Entre esses dois homens não há praticamente nenhuma diferença, quer dizer,

nenhuma diferença que possa ser avaliada de outra maneira que entre um homem, por exemplo, que, graças ao curso de inumeráveis circunstâncias, é inglês e vive em Londres, e outro homem lapão, que, no mesmo momento, corre os mares, sozinho em seu barco na tempestade. Claro, o servo pode – e isso dependendo de certas condições – tornar-se senhor, mas seja lá qual for a resposta que se queira lhe dar, essa questão não é tão problemática aqui, pois trata-se de uma estima momentânea de dados momentâneos (*Diário*, 4 de dezembro de 1913).

Ele se questiona, da mesma forma, sobre a limitação do horizonte de possibilidades, em razão de que tal horizonte foi forjado em condições culturais dadas. É a interiorização pelos seres humanos da normalidade ou da evidência de sua situação que explica a necessidade que eles têm de viver da maneira como vivem: “Por que os Tchouktches (tribo da Sibéria) não deixam seu terrível país? Em comparação com sua vida e seus desejos atuais, eles viveriam melhor em qualquer outro lugar. Mas não podem, pois ‘tudo o que é possível acontece; só é possível o que acontece’” (*Diário*, 5 de janeiro de 1914). É o mesmo processo que conduz o dominado a suportar sua condição.

Se houver vontade de buscar algo como uma visão de mundo em Kafka, é a partir de sua relação com o poder que se poderia abordá-lo. Com efeito, as relações de poder, de força ou de dominação formam, de maneira quase obsessiva, a trama e suas narrativas.

Kafka procurou, ao longo de toda a sua vida, analisar as características do poder arbitrário, absoluto, tirânico de um pai que não justifica suas acusações, censuras e sanções, de um pai também muito pouco gratificante e que não esconde sua decepção com relação aos comportamentos do filho que se recusou a herdar. Ele continuou também, e sobretudo, a levar a cabo a autoanálise da estrutura psíquica que ele mesmo havia construído por meio da relação concomitante de admiração e de conflito com o pai (sentimento de culpa, de nulidade, de incapacidade de tomar as decisões, de propensão à autopunição ou de autocastigo).

Partindo da vontade de elucidar essa experiência íntima de dominação, culpabilização e desvalorização de si, Kafka continuou a detectar e a decifrar as formas de exercício do poder e as modalidades de ação e reação dos dominados, onde quer que fosse possível observá-los.

A CONTRIBUIÇÃO DO DOMINADO NA MANUTENÇÃO DE SUA CONDIÇÃO

Em seus textos, Kafka evidencia o papel central da crença na força e na potência do poder, em sua existência e manutenção. Uma vez que os sinais do poder

ou da importância social aparecem e são percebidos como tais, os comportamentos de reverência ou de submissão seguem espontaneamente.

As pessoas que estão em posição de poder, no mundo social em geral ou em uma dada organização (como hotel, castelo ou empresa), inspiram não só respeito ou submissão, mas, às vezes, também a cobiça irresistível de que outros se aproximem delas, o que pode chegar até ao desejo amoroso ou sexual.

Toda a autoridade exerce um poder de atração sobre aqueles que dependem desse indivíduo; admiram-no e amam-no, justamente o que poderia destruí-los. O efeito de proteção é grande por parte daqueles que podem se orgulhar de possuir uma ligação – mesmo que fraca – com o poder: um miraculoso laço de parentesco com o riquíssimo tio senador que transforma o jovem imigrante à deriva, Karl Rossmann, em pessoa digna de respeito (*Amérika*); um laço alegadamente amoroso de Frieda, a serviçal do “hotel dos Senhores”, com Klamm, chefe do “departamento X” (*O castelo*), etc. Porém, todo o deslocamento em relação ao poder ou, pior, toda a atitude de resistência ou de desconfiança em relação a ele, imediatamente, traz como consequência a queda, o declínio, a desgraça e a marginalidade: excluído por seu tio, Karl Rossmann cai para o nível mais baixo da escala e, por isso, passa a ser tratado como escravo, como um cachorro, bem como a recusa de se oferecer a um funcionário do Castelo condena Amalia e toda a sua família a viver uma vida de pária.

O poder não seria tão poderoso se os afetados não acreditassem em sua onipotência. O tio de Karl, assim como o próprio Castelo, não faz mais que cortar relações ou demonstrar descontentamento por começar imediatamente o declínio ou a marginalização de Karl e da família de Amalia. Essencial é a participação de todos aqueles que, por medo do poder, por temor de serem associados a seres denegados, viram as costas a eles.

O que cria o poder é, em grande medida, a crença em sua força. Ora, Kafka mostra sempre as diferenças entre aqueles que fazem ou são realmente as pessoas de poder – objeto de comentários permanentes e em torno dos quais paira, por vezes, um perfume de mistério¹⁵ – e as representações que se fazem delas: nós os vemos maiores, mais majestosos e mais belos do que são na realidade¹⁶; nós atribuímos a eles qualidades e capacidades que eles não possuem necessariamente;

15 Klamm é um personagem quase impossível de ver, de alcançar, e todos aqueles que o viram ou acreditaram tê-lo visto pintam dele uma imagem distorcida pela fascinação.

16 Assim, os retratos de juizes majestosos sentados sobre seus tronos em *O processo*, na realidade, são representações deformadas de pequenos juizes sentados sobre cadeiras de cozinha, assim como Klamm, que aparece a K. como um homem bem comum, em nada parecendo com a imagem de uma águia à qual compara Gardena.

logo, nós os superestimamos e nos comportamos de tal maneira que os tornamos, de um só golpe, muito poderosos.

Kafka evidencia sempre o papel das ilusões e de todas as técnicas de manutenção ou silenciamento delas mediante o exercício do poder. Sua concepção de escrita como uma forma de despertar consciências, de “quebrar o mar congelado que há dentro de nós” ou de dar um “soco no crânio” está diretamente ligada à forma como ele percebe o poder: o encantamento, o feitiço, a graça envolvidos na manutenção do poder opressivo.

As coisas se complicam quando aquele que se encontra na posição de dominado ou submisso interioriza sua ilegitimidade, sua nulidade e seu estado de submissão, a tal ponto que ele mesmo fica convencido de merecer sua sina; às vezes, fica feliz com o menor gesto de condescendência ou até de desprezo que o poder lhe dirige.

O ato mais desdenhoso é ainda percebido como um sinal de interesse e de reconhecimento por aquele que, totalmente dependente do olhar do dominante, vê, de certa forma, a confirmação de sua existência na ordem mais absurda ou na humilhação mais degradante¹⁷.

Kafka amplia, deliberadamente, os traços, como se quisesse chamar a atenção para os fatos mais banais do cotidiano, que passam completamente despercebidos na maioria das vezes.

A interiorização de uma relação de dominação no mundo faz com que o dominado antecipe todos os desejos do dominante e puna a si mesmo antes de qualquer sanção externa. O sentimento de culpa, as condutas de autopunição que o acompanham, a falta de confiança em si ou a autodepreciação permanente são manifestações da interiorização de uma relação de dominação.

Joseph K., em *O processo*, é literalmente impedido (de viver) por seu sentimento de culpa, e todos os funcionários da Justiça que aparecem para impedi-lo, julgá-lo e aconselhá-lo são elementos ficcionais de um processo que, em grande medida, ocorre no interior do próprio Kafka.

O tribunal é, essencialmente, um tribunal interior, e a faca de açougueiro com a qual um dos dois executores o mata não é outra senão a faca que ele insere em si mesmo. Firmemente convencido de que é culpado de alguma coisa, deixa de viver, pelo medo, pela ansiedade e pelo sentimento de culpa que ele interiorizou, por inter-

¹⁷ Na obra *Amérika*, o personagem de Robinson, a serviço de uma ex-cantora (Brunelda), é reduzido à condição de escravo. Interpretando como uma marca de atenção a ele da parte de Brunelda, isso seria, na verdade, uma exploração incrível. Ele acha “gentil” o fato de ela lhe pedir para que se ocupe sozinho de toda a mudança em troca de sua saúde. Feito escravo, ele está pronto para “trabalhar o quanto for possível” e “deitar-se para morrer”, quando estiver já no fim de suas forças.

médio das relações com seu pai. E, aceitando entrar no jogo do processo, engajar-se ou investir-se em algo com ardor, ele contribui para seu próprio infortúnio.

Kafka compreendeu isso por si mesmo e colocou, magnificamente, em numerosas passagens de seus textos: seria “suficiente” recusar entrar na lógica do processo, não se apresentar diante do tribunal (que, como tribunal interior, logicamente, não marcou um encontro específico com o acusado, este que está detido, mas também livre para seguir com suas atividades cotidianas), perder as ilusões que se tem sobre o poder, desenfeitiçar-se ou romper o encanto para que as coisas sejam outras. Mas a condicional é indispensável ao raciocínio, porque o dominado fica mais frequentemente impedido de cometer um ato tão “leve” (quem poderia permanecer totalmente indiferente à ameaça de um poderoso, senão outro poderoso, ou seja, alguém que não está habituado a se deixar impressionar e a se submeter?), por todo o seu passado incorporado, pelas disposições em reconhecer a legitimidade do dominante e se sentir imediatamente culpado com o que lhe acontece e a que ele é submetido.

Esforçando-se para descrever, desde o interior, os mecanismos psíquicos e simbólicos sobre os quais repousa o poder e descrevendo o que nele há de docilidade e submissão servil, Kafka tenta se libertar e, ao mesmo tempo, libertar o leitor que gostaria de realizar o mesmo trabalho. Mostrando que o poder tirânico, muitas vezes, não fundamenta suas decisões em outro princípio racional, senão na defesa de seu próprio interesse de dominante, sendo inútil tentar compreender os motivos de sua ação, porque não há, no fundo, nada a compreender, ele não direciona o leitor a se submeter, sem buscar compreensão, mas, antes, esforça-se¹⁸ para mostrar que a busca por razões já significa conceder muito crédito a um poder arbitrário e contribuir, assim, para a manutenção de sua legitimidade.

O poder inacessível que os heróis de Kafka buscam, inutilmente, decifrar é, em definitivo, indecifrável, sobretudo porque o fundamento último de sua existência é perfeitamente arbitrário.

A SERVIDÃO INVOLUNTÁRIA

Seria possível resumir as situações arranjadas por Kafka, em seus diversos textos, dizendo que são uma ilustração do tema da “servidão voluntária”, como pensado por Étienne de La Boétie¹⁹.

18 Como pretende Günther Anders, em sua obra *Kafka: pró e contra*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

19 No romance de Robert Walser, que tanto apreciava Kafka, *L'Institut Benjamenta*, e que trata expressamente da formação da servidão, a expressão de La Boétie é empregada quando a irmã

Trata-se de autopunição, antecipação dos desejos do dominante, docilidade e fascínio por ele. Kafka insiste no papel da relação subjetiva dos dominados frente ao poder na manutenção da dominação. No entanto, sem dúvida, ele teve problemas para qualificar essa servidão como “voluntária”, pois ela repousava, para ele, sobre a força da inércia dos hábitos.

Em algumas de suas reflexões quase sociológicas²⁰, ele coloca os hábitos e o peso do passado herdado como centrais na dificuldade de qualquer libertação. Constatado por ele mesmo, em seu empreendimento de autoanálise, de modo geral, ele enxergava esse movimento em marcha em todos os casos de dominação que observava.

Transcrevendo um diálogo entre Kafka e um funcionário do escritório, Janouch testemunha essa atenção ao ponto de vista, ou melhor, à lógica comportamental dos dominados. O funcionário diz a Kafka que “a rua não é um perigo” e que “o Estado é forte”. Kafka concorda, mas acrescenta que “sua força apóia-se na inércia das pessoas e em sua necessidade de tranqüilidade²¹”.

Mas o que escreveu, de fato, Étienne de La Boétie? Ele parte de um espanto inicial, o de

ver milhões e milhões de homens miseravelmente subjugados e, de cabeça baixa, submissos a um jogo deplorável; não que a ele sejam obrigados por força maior, mas porque são fascinados e, por assim dizer, enfeitiçados apenas pelo nome de um que não deveriam temer, pois ele é só, nem amar, pois é desumano e cruel para com todos eles²².

A questão do “um” contra “todos” ou do tirano sozinho frente aos milhões de subjugados não é a mais fundamental de todas, pois, evidentemente, um tirano, como o analisa La Boétie de outro ponto de vista, nunca está verdadeiramente sozinho: ele dispõe de armas, de subalternos poderosos a seu serviço, que, por sua vez, têm eles mesmos seus subalternos, etc.

A questão central não é, portanto, a do número, mas a do fundamento do poder de uns sobre outros. O fascínio e o encantamento estão no coração do mecanismo do poder. O tirano “tem apenas o poderio que lhe dão²³”, e é o povo mesmo “que

do diretor explica a Jacob que a “submissão voluntária ao rigor e à aflição [...] constituirão boa parte da [sua] vida”. WALSER, Robert. *L'Institut Benjamenta*. Paris: Gallimard, 1981. p. 152.

20 LAHIRE, Bernard. Kafka, l'institution littéraire et la sociologie. *Franz Kafka*, op. cit., p. 344-362.

21 JANOUCH, Gustav. *Conversas com Kafka*. São Paulo: Novo Século, 2008. p. 66.

22 LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 74.

23 *Ibid.*, p. 74.

se sujeita e se degola”. Todavia, La Boétie apresenta o comportamento dos dominados como uma questão de escolha, de opção voluntária. É o povo que, “podendo escolher entre ser súdito ou ser livre, rejeita a liberdade e aceita o jugo”²⁴; é o povo “que consente seu mal, ou melhor, persegue-o”²⁵. São os dominados que são “cúmplices do assassino que vos mata” e que são, em alguma medida, “traidores de vós mesmos”²⁶.

Não obstante, falando de servidão “voluntária”, La Boétie pretende, sobretudo, insistir no caráter geralmente não coercitivo do consentimento obtido pelos dominantes. Ninguém obriga diretamente os dominados a agir como tais; nenhuma força externa os constrange à submissão. Ninguém força ninguém, mas tudo é feito, desde o nascimento e a primeira educação, de tal modo que as coisas ocorram como de fato ocorrem. Agir dessa maneira torna-se, então, o horizonte natural dos dominados:

É verdadeiro dizer que no início serve-se contra a vontade e à força; mais tarde, acostuma-se, e os que vêm depois, nunca tendo conhecido a liberdade, nem mesmo sabendo o que é, servem sem pesar e fazem voluntariamente o que seus pais só haviam feito por imposição. Assim, os homens que nascem sob o jugo, alimentados e criados na servidão, sem olhar mais longe, contentam-se em viver como nasceram; e como não pensam ter outros direitos nem outros bens além dos que encontraram em sua entrada na vida, consideram como sua condição natural a própria condição de seu nascimento²⁷.

Em primeiro lugar, a força, depois, o costume: “a primeira razão da servidão voluntária é o hábito”²⁸. O sociólogo contemporâneo diria de forma mais simples que os dois se misturam, ou seja, que o enfraquecimento dos hábitos pode levar ao recurso da força, que a ameaça do uso da força ou da sanção pesa muito na manutenção de atitudes dóceis (como dirá muito bem Kafka, em sua *Carta ao pai*), mas que, efetivamente, o essencial desse estado de coisas repousa sobre a inércia, sobre os hábitos mentais e comportamentais e sobre a impossibilidade na qual são colocados os dominados de imaginar ou colocar em prática outras formas do fazer.

24 *Ibid.*, p. 77.

25 *Ibid.*, p. 77.

26 *Ibid.*, p. 79.

27 *Ibid.*, p. 84.

28 *Ibid.*, p. 88.

Ao introduzir o hábito no centro do problema, La Boétie se revela melhor analista que os sociólogos que insistem na consciência reflexiva e nas capacidades críticas dos atores:

Entretanto, o hábito, que em todas as coisas exerce um império tão grande sobre todas as nossas ações, tem principalmente o poder de ensinar-nos a servir: é ele que, a longo prazo (como nos contam de Mitridates, que acabou habituando-se ao veneno), consegue fazer-nos engolir, sem repugnância, a amarga peçonha da servidão²⁹.

Como La Boétie, Kafka falava de “enfeitiçamento” dos dominados pelos dominantes. Tendo perguntado a seu amigo Oskar Baum a receita da cerveja que ele queria fabricar com sua irmã Ottla, na fazenda de Zürau, ele o agradece em meados de setembro de 1917 e acrescenta em sua carta, com humor, o seguinte: “Em breve, nós vamos experimentá-la e, com isso, tentar enfeitiçar todo o país. É necessário enfeitiçar se se quer obter alguma coisa de substancial”. Isso não soa sem sentido com algumas cenas de *O castelo* (1922), onde o álcool flui livremente na estalagem do vilarejo e onde a única que ousou resistir ao Castelo foi Amalia, que não bebia.

Quando Kafka quer definir a má literatura de entretenimento, ele diz que ela age como um “narcótico”, enquanto a verdadeira literatura, ao contrário, tem por virtude “despertar” o leitor. Ora, La Boétie, por sua vez, suscitava o papel de todos os meios de divertimento no desvio das consciências e na sustentação das relações de dominação:

Os teatros, os jogos, as farsas, os espetáculos, os gladiadores, os bichos curiosos, as medalhas, os quadros e outras drogas desse tipo eram para os povos antigos a isca da servidão, a compensação por sua liberdade roubada, os instrumentos da tirania. Esse sistema, essa prática, esses atrativos eram os meios que os tiranos antigos empregavam para adormecer seus súditos na servidão³⁰.

AS DISPOSIÇÕES NO CORAÇÃO DA DOMINAÇÃO

Quando se toma consciência dessa onipresença da temática das relações de dominação em Kafka e, além disso, quando se conhece sua propensão à observação

²⁹ *Ibid.*, p. 84.

³⁰ *Ibid.*, p. 93.

distanciada, seu relativismo antropológico, sua convicção atinente à necessidade de ensinar às crianças uma atitude científica de ruptura com os preconceitos, quando se conhece seu interesse pelos rituais, sua reflexão sobre o caráter social dos indivíduos, os determinismos sociais e a importância da educação e dos hábitos culturais adquiridos desde cedo, então, inevitavelmente, a questão a ser colocada é acerca da existência de uma espécie de sociologia implícita própria a esse autor.

A ideia de “sociologia implícita” pode levar à confusão, se ela passar a impressão de se estar conferindo ao escritor o estatuto de sociólogo, enquanto sua prática se inscreve em um contexto totalmente diferente. Mesmo quando ela se apoia – o que acontece mais frequentemente que o esperado – sobre uma documentação fornecida, observações repetidas ou verdadeiras investigações, o trabalho literário nunca tem a mesma preocupação com a sistematicidade, com a explicação e muito menos com a conceitualização do trabalho sociológico. Porém, também não se pode tratar o escritor como se seu papel fosse apenas o de retranscrever o real. Ele o modela, coloca-o em um formato determinado, tipifica-o, analisa-o mediante o próprio ato de seleção das características relevantes das personagens, da ação, dos encadeamentos das sequências, etc.

Há, portanto, um conhecimento sobre o mundo social que se manifesta no trabalho literário e que contribui, à sua maneira, para a objetificação de certas dimensões do mundo social.

Ademais, é difícil não pensar no fato de que alguns sociólogos profissionais propuseram interpretações do mundo social muito aquém, tanto em precisão como em sutileza, das explanações que escritores como Kafka foram capazes de oferecer, os quais, no entanto, apoiaram-se em observações mais limitadas, por exemplo, observando aqueles que os rodeavam mais imediatamente ou, o que acontecia com maior frequência, analisando sua própria experiência de mundo.

Certas sociologias atuais que, a torto e a direito, reivindicam para si as denominações de compreensivas, pragmáticas ou etnometodológicas têm a desagradável disposição, sob o pretexto de “respeitar os atores” e de não ocupar uma posição analítica considerada muito “tendenciosa”, de reduzir a dominação ao “sentido de dominação” para os atores³¹. Tal decisão tem por consequência maior não analisar

31 Nessa medida, Patrick Pharo critica as “teorias da dominação”, porque elas veem dominação em todos os lugares. Ora, para uma “teoria pragmática do direito”, não é “essencial supor um sentido oculto da dominação (reprimido, esquecido e negado) cada vez que a situação não se preste aos membros envolvidos na manifestação de tal sentido. Seria conveniente, apenas, considerar que há momentos e situações que, para as partes envolvidas, podem tomar o sentido de uma dominação, enquanto outros momentos e situações não se prestam a essa caracterização” (PHARO, Patrick. *Le civisme ordinaire*. Paris: Librairie des Méridiens, 1985. p. 63).

as relações sociais em termos de dominação propriamente, a não ser que elas sejam percebidas, “definidas”, “interpretadas” como tais pelos atores sociais; ela repousa sobre um mal-entendido sobre os fundamentos simbólicos das relações de dominação.

É questionável a premissa de que são os mais dominados que percebem com mais frequência as situações que vivem como de dominação. Fazer a análise da dominação depende da representação que os dominados têm das situações; trata-se de não ver em que medida tais representações participam do processo de dominação e recusar, assim, a ideia de que elas podem ser “ilusórias”, porque, em parte, são forjadas no quadro de relações de dominação.

Ao questionar ritualmente em nome de quê (de qual abuso de poder) os sociólogos podem definir uma situação como “situação de dominação”, enquanto mesmo os atores não parecem vê-la desse modo, uma concepção como essa ignora muito facilmente o trabalho de legitimação da dominação pelos dominantes³² ou os simples efeitos de habituação que as dominações pluriseculares produzem naqueles que a elas se submetem ou as incorporam, desde suas primeiras socializações, e que fazem com que essas dominações lhes pareçam tão “naturais” quanto as paisagens nas quais se acostumaram a viver.

Por essas razões, gostaria de aconselhar muitos sociólogos contemporâneos a lerem Kafka.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KAFKA, FRANZ. *Oeuvres complètes III*. Paris: Gallimard, 1984.

_____. *Oeuvres complètes IV*. Paris: Gallimard, 1989a.

_____. *Lettre à son père*. In: *Oeuvres complètes IV*. Paris: Gallimard, 1989b. p. 833-881.

_____. *Carta ao pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *O desaparecido ou Amerika*. São Paulo: Editora 34, 2003.

_____. *Éléments pour une théorie de la création littéraire*. Paris: La Découverte – Laboratoire des Sciences Sociales, 2010.

_____. *Domination et point de vue des dominés*. Paris: La Découverte – Laboratoire des Sciences Sociales, 2010. p. 429-575.

LAHIRE, Bernard. *La fabrique littéraire de Kafka*. In: KAFKA, Franz. *Éléments pour une théorie de la création littéraire*. Paris: La Découverte, 2010. p. 305-316.

³² Dizem-nos, entretanto, que uma situação “reconhecida como legítima” não é “de todo uma situação de dominação” e que é somente quando ela perde sua legitimidade que tal situação pode “aparecer simplesmente como uma dominação” (*Ibid.*, p. 209).

_____. Kafka et le travail de la domination. *Actuel Marx*, n. 49, p. 46-59, 1^o semestre 2011. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-actuel-marx-2011-1-page-46.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2012.

LÖWY, Michael. *Franz Kafka: sonhador insubmisso*. São Paulo: Azougue, 2005.

ROBERT, Marthe. *Seul comme Franz Kafka*. Paris: Calmann-Levy, 1979. p. 104.

WAGENBACH, Klaus. *La prague de Kafka*. Paris: Éditions Michalon, 1996. p. 83.